

5945 **DISSERTAÇÕES E PROPOSIÇÕES**

SOBRE AS

SÉGUINTEs QUESTÕES, DADAS PELA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

No dia 4 de Junho de 1850 :

I. SCIENCIAS ACCESSORIAS.

DEVE HAVER LEIS REPRESSIVAS DO CHARLATANISMO,
OU CONVEM QUE O EXERCICIO DA MEDICINA SEJA INTEIRAMENTE LIVRE?

II. SCIENCIAS CIRURGICAS.

MARCAR OS CASOS EM QUE SE DEVERÁ DAR A INFECCÃO PURULENTA.
EM QUE CONSISTE ELLA?

III. SCIENCIAS MEDICAS.

O TYPHUS E A FEBRE TYPHOIDE SÃO MOLESTIAS IDENTICAS?



Apresentada á mesma Faculdade e perante ella sustentada no dia 19 de Dezembro de 1850

POR

ANTONIO MARCOLINO FRAGOZO,

NATURAL DO RIO DE JANEIRO,

Bacharel em Letras pelo Collegio de Pedro Segundo,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE,

FILHO LEGITIMO DE

SIMÃO MARCOLINO FRAGOZO.

Si la santé est le premier des biens, la Médecine doit
être le premier des arts. (GABANIA.)



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

1850

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O SR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES:

1.º ANNO.

F. DE P. CANDIDO	Physica Medica.
F. F. ALLEMÃO, <i>Examinador</i>	Botanica Medica, e Principios elementares de Zoologia.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM	Chimica Medica, e Principios elementares de Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA.	Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

J. M. NUNES GARCIA.	Anatomia geral e descriptiva.
L. DE A. P. DA CUNHA.	Physiologia.

4.º ANNO.

L. F. FERREIRA	Pathologia geral e externa.
J. J. DA SILVA, <i>Examinador</i>	Pathologia geral e interna.
J. J. DE CARVALHO, <i>Examinador</i>	Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO	Operações, Anatomia topographica e Apparehos.
.	Partos, Molestias de mulheres peçadas e paridas, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

T. G. DOS SANTOS	Hygiene e Historia de Medicina.
J. M. DA C. JOBIM, <i>Presidente</i>	Medicina Legal.

2.º ao 4.º M. F. P. DE CARVALHO	Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.
5.º ao 6.º M. DE V. PIMENTEL.	Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. M. DE MIRANDA e CASTRO.	Secção das Sciencias accessorias.
F. G. DA ROCHA FREIRE.	
J. B. DA ROSA.	Secção Medica.
A. F. MARTINS.	
D. M. DE A. AMERICANO.	Secção Cirurgica.
L. DA C. FEIJO', <i>Examinador</i>	

SECRETARIO.

DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

N. B. A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas Theses que lhe são apresentadas.

A MEU BOM E PREZADO PAE

E

MEU MELHOR AMIGO

O SR. SIMÃO MARCOLINO FRAGOZO,

Pharmaceutico approved pela Physicatura Mór do Reino de Portugal
e pela do Imperio do Brasil,
Socio Beneficente e Benemerito da Sociedade Portugueza de Beneficencia
no Rio de Janeiro,
Socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, etc.

A MINHA BOA E EXTREMOSA MÃE

A SRA. D. PERPETUA FELICIDADE FRAGOZO.

Amor filial.

**A MEU CARO MANO,
A MINHAS QUERIDAS MANAS**

E

A MEU CUNHADO, COMPADRE E AMIGO INTIMO

© Sr. Dr. Francisco de Paula Costa.

Amor fraternal.

A MEU INESTIMAVEL E PARTICULAR AMIGO

© Sr. Bacharel José Teixeira de Souza,

Digno Estudante do quinto anno Medico.

Amizade.

A MEU PADRINHO E AMIGO

© Ill.^{mo} Sr. José Simões da Fonseca.

Verdadeira estima.

A MEUS PARENTES E AMIGOS.

Lembrança.

A MEUS COLLEGAS E AMIGOS

Os Srs. Doutores :

MANOEL JOAQUIM FERNANDES EIRAS,
JOÃO NEPOMUCENO DIAS FERNANDES.

A MEUS AFFEIÇOADOS COLLEGAS

Os Ill.^{mas} Srs. Doutores :

JOÃO VENANCIO ALVES DE MACEDO,
FRANCISCO DE ABREU ESPINOLA,
JOSÉ MARQUES DE SÁ,
FRANCISCO DE ASSIS PAES LEME.

Aos Ill.^{mas} Srs. Doutores :

ANTONIO DA COSTA,
ANTONIO FELIX MARTINS,
FRANCISCO FERREIRA DE ABREU,
JOSÉ GONSALVES DA SILVA.

Aos Ill.^{mas} Srs. :

CAPITÃO JOSÉ GONSALVES DA SILVA,
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA FERREIRA.

Aos Ill.^{mas} Srs. :

JOSÉ ANTONIO DE ARAUJO FILGUEIRAS,
JOAQUIM DIOGO HARTLEY,
ANTONIO SIMÕES BARROZO.

Ao Ill.^{mo} Sr. Doutor

EMILIO JOAQUIM DA SILVA MATA,

Cavalleiro da Ordem de Christo e da da Conceição da Villa Viçosa, ex-Vereador da Illustrissima Camara Municipal, Bacharel formado em Philosophia Natural pela Universidade de Coimbra, formado em Medicina pela Faculdade de Paris, Director da secção de Zoologia e Anatomia comparada do Museu Nacional, Professor de Sciencias Naturaes e Medico do Collegio de Pedro Segundo, Socio effectivo da Academia Imperial de Medicina, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, Socio correspondente da Sociedade de Sciencias Naturaes de França, do Instituto Historico de França, da Sociedade Medico-Litteraria do Porto, da Sociedade da Bibliotheca Classica da Bahia, etc., etc.

AO MEU DIGNO E SABIO MESTRE

O Ill.^{mo} Sr. Dr. Manoel de Valladão Pimentel,

Commendador da Ordem de Christo, Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa, Medico Honorario da Camara de S. M. I., Lente de Clinica Medica da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Membro effectivo da Academia Imperial de Medicina, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, do Instituto Historico de França, etc., etc.

AO MUI ILLUSTRE PRESIDENTE DESTA THESE

O Ex.^{mo} Sr. Conselheiro

JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM,

Commendador da Ordem de Christo, Official da Imperial Ordem da Rosa, Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, Lente de Medicina Legal e Director da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Medico da Camara de S. M. I., Presidente da Academia Imperial de Medicina, Membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da de Napoles, e de outras corporações sabias de França, Allemanha, e Inglaterra, etc.

ANTONIO MARCOLINO FRAGOZO.

I

(SCIENCIAS ACCESSORIAS.)

Deve haver leis repressivas do *Charlatanismo*, ou convem que o exercicio da Medicina seja inteiramente livre?

Il n'y a qu'un homme éminemment moral qui puisse être médecin, dans la véritable acception du mot, et il n'y a qu'un tel médecin qui puisse trouver le bonheur dans l'exercice de sa profession; car lui seul sont, au fond de son cœur, qu'à son existence se rattache un but supérieur, qui l'élève au dessus de la vie elle-même, de ses joies et de ses peines.

(HUFELAND: *Manuel de Méd. prat., art. — Les relations du Médecin, Tr. de Jourdan*).

Antes de entrarmos na materia do nosso ponto, convem que algumas ideias exponhamos sobre a interpretação que damos á palavra *Charlatanismo em geral*, depois particularisaremos o *Charlatanismo medico*, dando sua etymologia e historia, as diversas faces com que se apresenta, as diferentes classes da sociedade que mais communmente o fornecem, os perigos que elle consigo acarreta, e a necessidade portanto de leis repressivas á sua existencia e a inconveniencia do exercicio inteiramente livre da Medicina (1).

O *Charlatanismo*, encarado sob um ponto de vista geral, he o vicio de

(1) Aproveitamos este ensejo para recomendar a leitura do excellente trabalho que tem por título — *Algumas considerações sobre o Charlatanismo em Medicina* — ; these sustentada nesta Faculdade em 1844, pelo Dr. F. de Paula Costa.

todo aquelle que procura fazer-se estimar, ou ás cousas que lhe pertencem, por qualidades simuladas. He, diz o cavalheiro de Jaucourt, uma hypocrisia de talentos ou de estado. (*Encyc. ed. ant.*)

Assim considerado pôde-se mui bem dizer que, desde que os homens começãrão a viver em sociedade, houve Charlatanismo e houve-o em todos os lugares e em todas as profissões: com effeito, vemos charlatães de religião, de costumes, de virtude, de sciencia, de espirito e de fortuna. Em alguns o Charlatanismo tira sua origem da ignorancia que quer contra-fazer o saber e da vaidade que procura applausos. Consulte-se a historia que nella se acharão exuberantes provas disto que affirmamos. Quanto a nós porem, que só temos a tratar do Charlatanismo em Medicina, deixamos a outrem o cuidado de investigar as suas phases n'outros assumptos, e entramos no nosso.

Chamamos pois Charlatão em Medicina a esta especie de homens que, sem ter estudos nem principios, e sem possuirem titulos adquiridos em qualquer Faculdade, exercem a Medicina e a Cirurgia sob pretexto de segredos que possuem para curar todas as enfermidades. Charlatanismo he portanto a sciencia, ou para melhor dizer, a industria do Charlatão.

Diversas tem sido as opiniões quanto á etymologia desta palavra. Assim, Furetière e Calepino julgão-a derivada do italiano *ceretano*, de *Caretum*, povoação visinha de Spoleto, d'onde sahirão os primeiros impostores que, sob a bandeira de Hyppocrates, percorrião as cidades para vender as suas drogas abusando da credulidade publica. Ménage a deriva de *circulatanus*, por corrupção da palavra *circulator*; outros emfim dão-lhe por etymologia *ciarlare*, vocabulo italiano, que quer dizer, *charlár*, *parolár*: opinião esta que seguimos como a mais adequada.

Percorrendo a historia, veremos que a primeira mascara com que se apresentou o Charlatanismo de profissão, foi a medica; o que he facil conceber-se. Na verdade o estado de saude he o unico bem real do homem. O sentimento de nossa existencia, nossos deveres para com nossa familia e a sociedade, tudo nos impõe a obrigação de velar na nossa conservação. Viver com molestias e dores que triste existencia! Que thesouros nos poderão servir de indemnisação? De que utilidade o homem doente pôde se lisongear de ser para sua esposa e seus filhos? Que serviços seus semelhantes podem esperar d'elle quando prostrado n'um leito de dor? Então procura ver-se livre de seus males e dirigir-se-ha mais facilmente áquelle

que lhe prometter com infallibilidade o seu restabelecimento, do que áquelle que não o póde nem o deve: assim, vemos entregar-se inteiramente, até em molestias graves e sérias, a empiricos de segredos, aquelles proprios que em saude nenhuma confiança depositavão em suas *habilidades*.

Hippocrates não curava sempre, nem infallivelmente: enganava-se mesmo algumas vezes, e pela confissão ingenua de suas faltas, tornou seu nome tão respeitavel como suas espantosas curas.

O Charlatão porem de nada duvida, tudo promette, até debaixo de juramento, ainda que certo de o não poder cumprir, conscio de sua ignorancia e incapacidade. Reconhece-lo-heis nesta asserção que Plauto põe na bocca de um Medico charlatão e que he a de todos desta especie:

..... perfacile id quidem est,
Sanum futurum; mea ego id promitto fide.

« Quoique l'impudence et le habil soient d'une ressource infinie, diz « o Cavalheiro de Jaucourt, il faut encore à la charlatanerie quelque « disposition intérieure du malade qui en prépare le succès: mais l'espérance d'une prompte santé d'un côté, celle d'une bonne somme d'argent « de l'autre, forment une liaison et une correspondance assurée. »

Consultando a historia medica dos Egypcios e dos Hebreus, só encontraremos impostores que, aproveitando-se da fraqueza e credulidade de seus contemporaneos, gabavão-se de curar todas as enfermidades por mais inveteradas que fossem com seus amuletos, seus encantos, suas adivinhações e seus especificos. (*Encyc. ed ant.*)

Os Gregos e os Romanos forão por sua vez inundados de Charlatães de todas as especies.

Chamava-se *ἐλαργωγοί* ou simplesmente *agyrtæ*, da palavra *ἀγειν*, *ajuntar*, aos que por seus discursos reunião o povo ao redor de si; *circulatores*, *circuitores*, *circumforanei*, aos que corrião o mundo e subião em tablados para vender seus remedios; *cellularii medeci*, aos que estavam assentados em suas lojas á espera de freguezes. Era o officio de um Chariton de quem Galeno tirou descrições de alguns medicamentos; era o de um Clodius d'Ancona, que tambem era envenenador, e a quem Cicero chama *pharmacopola circumforaneus*; tal era o de um certo Eudamus, celebrado, em uma comedia, por Aristophano, que vendia anneis contra a mordedura de animaes venenosos.

Não nos faltão hoje Charitons, Clodius e Eudamus: elles se succedem e se reproduzem de uma maneira prodigiosa. Dirigidos pelo mesmo genio, dominados pelo mesmo espirito, o seu fim é, como bem disse um philantropico publicista: « *Exploiter la mine la plus riche qui existe. . . . la crédulité publique* »; a sua divisa, *auri-sacra-fames*, e seus meios ordinarios, estratagemas de toda a especie.

Os Charlatães propriamente ditos, isto he, aquelles que sobem em tabladões para em praça publica apregoarem as virtudes de seus especificos, não são hoje os mais abundantes e perigosos nem talvez os mais despreziveis; outros ha que aparentemente menos dignos de despreso por se servirem de outros, meios, são por isso mesmo mais perigosos. Com effeito, quanto áquelles, as denominações injuriosas que os diversos povos lhes tem dado, mostrão evidentemente o justo despreso em que elles tem cahido. Os Latinos tinham muitas expressões para dar uma ideia delles; expressões que erão todas proprias para fazer sentir a opinião desvantajosa que delles formavão appellidando-os de *encantadores*, *feiticeiros*, e *envenenadores*; os nomes de *bateleurs*, de *hâbleurs*, de *marchands d'orviétan*, de *joueurs de gobelets* e outros similhantes, que em França se lhes dá, são os que offendem menos seus ouvidos delicados. Todos que os conhecem tem-lhes tanto despreso, quanto estão persuadidos de que estes entes vis e miseraveis não recorrêrão ao officio de Charlatão, que se deve olhar como o meio o mais vergonhoso de subsistencia, senão porque se julgão inhabeis para exercerem qualquer outro emprego ou occupação.

Muitos povos dos mais illustrados não se tem contentado simplesmente em despreza-los, mas por sua conducta sabia e esclarecida tem sabido inspirar este mesmo desprezo a outros povos.

He assim que na Hespanha, na Allemanha, na Prussia, na França e na maior parte dos Estados da Europa elles são expulsos com ignominia, e quando surprehendidos no seu vil officio são perseguidos criminalmente; e tal he o estado de degradação a que elles tem chegado, que não ha muito tempo que os habitantes de uma grande cidade de França (Montpellier), tinham o costume, quando encontravão algum Charlatão monta-lo em um burro bastante magro e estropeado, com a face voltada para a cauda, e passeia-lo por toda a cidade no meio das vaias das erianças e da populaça, apedrejando-o, lançando-lhe immundicias e amaldiçoando-o: exemplo este digno de ser seguido por todos os outros paizes.

Se desta classe de Charlatães pois, como dizemos, já quasi nada se deve temer não só pelo justo desprezo em que cahirão, como tambem pelas graves penas que lhes tem sido impostas, de sorte que se póde assegurar que não são perigosos talvez senão para a populaça, o mesmo não se poderá dizer a respeito dos outros, que em immensa quantidade existem e que tanto maiores males causão no seu vil officio, quanto mais acautelados se mostram em occultar-se. São inimigos secretos, que he mui difficil de debellar, e que fazem surdamente sobre os terrenos que infestão mais estragos que os que poderião fazer exercitos em batalha campal. Se os primeiros vêem-se obrigados a refugiar-se nas pequenas cidades em que se tem a fraqueza de os tolerar, estes ajuntão-se, pelo contrario nas grandes como quadrilhas de ladrões nos bosques; e he ao abrigo do tumulto inherente a uma grande população que elles enriquecem á custa de um sem numero de victimas que todos os dias fazem.

Não he facil calcular o quanto estes inimigos do genero humano se tem multiplicado no nosso paiz, não só para ruina dos que nelle habitão, pois na verdade maiores males causão do que todas as molestias juntas, como (com dor o digo) para vergonha daquelles a quem he dado curar dos meios da sua conservação.

Os verdadeiros Medicos estão de ha muito persuadidos desta verdade, mas o publico achará talvez que exageramos, porque infelizmente não conhece a sua propria cegueira n'uma materia que lhe toea de tão perto; e he por isso que as pessoas a quem he dado dirigi-lo devem procurar todos os meios de fazer conhecidos estes velhacos, para delles se precaver: porque aliás seria forçoso admittir, ou que o povo he inutil em um Estado, ou convir que se deve prover nos cuidados de sua conservação.

Quasi todas as classes da sociedade fornecem individuos, tanto do sexo masculino, como do feminino, para constituir esta raça desprezivel; entretanto a maior parte daquelles de que nós fallaremos mais particularmente, sahem da caza de Medicos, Cirurgiões, Boticarios, Barbeiros e emfim dos Hospitais.

Na verdade muitos presumpçosos imaginão que basta terem estado durante algum tempo ao serviço de um Medico para se julgarem taes, e se ingerirem na pratica desta tão nobre profissão: porque muitos termos da arte terão confusamente ferido seus ouvidos; por terem lido algum livro de Medicina ou copiado algumas formulas; por terem ouvido alguns doentes

contarem seus males aos Medicos, e retido os remedios que estes lhes terão prescripto, ou emfim por terem recolhido algumas de suas receitas, que julgão proprias a combater todas as molestias, e que sua presumpção lhes faz imaginar que sabem mais do que he preciso para fazer sempre uma justa applicação, como se estas ideias vagas e tomadas sem ordem podessem, não dizemos formar um Medico, porem dar a menor noção com a qual se podesse razoavelmente contar.

Le Sage, quando em seu encantador romance fez a Gil Braz de Santilhana abraçar a profissão de Medico pela morte de seu mestre o Dr. Sangrado, estava sem duvida bem certo da existencia de taes pseudo-medicos. Quantos Gil Brazes não existem que esperão tal acontecimento para abraçar um partido semelhante!

Os Cirurgiões, sobre tudo os que habitão as grandes cidades, fornecem um grande numero dos Charlatães de que fallamos; por isso vemos muitos dos que os tem servido por algum tempo, quer como criados, quer como discipulos, e que apenas tem feito ou visto fazer algumas sangrias, pensado algumas feridas, ou simplesmente sido testemunhas destes curativos, julgarem-se já Esculapios, e serem bastante atrevidos para exercer a Cirurgia e muitas vezes a Medicina como se fossem os maiores mestres da arte. Verdadeiros carrascos que estropião ou matão os infelizes que lhes cahem nas garras. Desgraçadamente para o nosso paiz elles aqui tem existido em grande numero, e ainda não ha muito tempo que um improvisado oculista, Charlatão inglez, que fôra criado de um Medico da mesma nação depois de ter sido desmascarado em Lisboa, vindo do Egypto onde se houvera estabelecido, aportou em nossas praias (terra de redempção para toda a casta de charlatães), e apesar de ter sido antes notificado por um Jornal de Medicina onde se descrevia as suas proezas e altos feitos, entretanto elle aqui se fixou, e exigindo um preço exorbitante por suas operações, menoscabando todas as leis, atropellando todas as conveniencias, soube no curto espaço de alguns mezes, quando o numero dos logrados tinha subido e a sua bolsa estava bastante recheada, desaparecer da scena em que tanto figurára, levando ainda em cima uma lista cheia de nomes de conspiciosos cidadãos do Imperio, de senadores, de negociantes, &c., em que pedião que para bem do povo ficasse!!! E o que he ainda mais de admirar (com vergonha o digo), he que Medicos, e Medicos aliás

de reputação, como que forão seus protectores, e os que encarecerão mais o seu *talento* e a sua *habilidade* cirurgica!!!

He tambem das Boticas e dos armazens de drogas que vemos sabir um grande numero de Charlatães. Empregados na venda e manipulação dessas drogas, sabendo-as por vezes falsificar e passar por genuinas, conhecendo seus nomes e algumas de suas propriedades, decorando algumas formulas e sabendo-as preparar, não tem a menor repugnancia, baseados em conhecimentos tão superficiaes de se encarregarem do tratamento de molestias aliás graves, e que elles não conhecem; e, jactando-se até de taes proezas, são muitas vezes potentados para poderem crear, ou abalar a reputação de qualquer Medico por mais esclarecido que seja. Destes um sem numero de exemplos nos offerece a maior parte das nossas villas, onde o Boticario ou o seu caixeiro, percorre as cazas visitando os doentes, e mandando as receitas para a sua propria Botica, na qual depois as vai aviar.

He assim que vemos mesmo nesta Côrte em presença de uma Academia de Medicina, e de uma Camara Municipal onde muitas vezes tem assento esclarecidos Medicos, grande numero de Boticarios receitar de suas Boticas, dirigir um tratamento, e receber o estipendio não só do remedio, como da consulta, ajuntando dest'arte grossos cabedaes.

Muitos Charlatães sahem dos jardins dos Botanicos: he ahi que elles se tornãõ Medicos: vendo plantas, familiarisando-se com algumas das que mais commummente se empregão em Medicina, conhecendo-lhes os nomes e certas propriedades, achão-se sufficientemente habilitados para curar, julgão-se Medicos e muito mais sabios do que os que levão toda a vida a estudar as obras de Medicina, ainda que não tenham aberto uma unica por não saberem ler! E que mais he preciso? Estas luzes não são sufficientes para fazerem conhecer todas as molestias, suas causas, suas differenças, seus signaes, seus symptomas, a maneira de trata-las, e tudo enfim quanto o Medico deve saber? Não erão sufficientes para se poderem apresentar como sabios Naturalistas, e como taes illaquearem a boa fé dos governos perante os quaes se apresentão, e que por elles são empregados (como infelizmente tem entre nós acontecido), até que alguma traça ou fraude, por exemplo: alguma especie nova de passaros *pintados*, *arranjados*, &c., os venha desmascarar e tornar patentes?

Tambem mencionaremos estes nossos sangradores, que sahidos das lojas de barbeiros, onde a sua pratica limitando-se ao principio a expe-

riencia em folhas de couves, e nos braços dos pobres desgraçados que lhes cahem nas garras, são outros tantos Charlatães que se aventurão depois, consciõs de sua *pericia*, a praticar a delicada operação da phlebotomia as mais das vezes aleijando ou assassinando os ignorantes e credulos que a elles se entregão. O seu numero não he limitado, e rara he a loja de barbeiro em que qualquer aprendiz não sangre e tire dentes, como tambem muitas vezes não abra qualquer abcesso, mesmo nas regiões em que o proprio Cirurgião, aliás perito, vacillaria.

He emfim dos Hospitales que sahem não pequeno numero de Charlatães. Seria bem espantoso na verdade que pessoas, que durante muitos annos tem estado em Hospitales, não se tornassem Medicos ou Cirurgiões! Ahi habituados a ver doentes, ministrando-lhes os remedios prescriptos pelos Medicos, observando as suas prescripções, assistindo ás suas operações, notando os diversos curativos, examinando, indagando, e colhendo as formulas, julgão-se sufficientemente habilitados para curarem todas as enfermidades e fazerem todas as operações; assim munidos de uma inabalavel coragem, de um sangue frio imperturbavel, elles vão por toda a parte estropeando, cegando ou assassinando a todo o infeliz, que bastante estroso nelles confia.

Alguns exemplos destes temos nesta Cõrte: mas em maior quantidade em algumas das nossas villas, onde, umas vezes, pela não existencia de Medicos fica-lhes um campo vasto para as suas especulações; outras vezes, competindo com elles no exercicio de tão grandiosa profissão, tem bastante habilidade para supplanta-los, e faze-los sahir de um lugar aonde a miseria seria o resultado da sua honradez.

He tambem dos Hospitales que sahem muitas vezes essas aventureiras, que sob o falso nome de parteiras quotidianamente produzem estragos, que muitas vezes não he dado mesmo ao homem da arte remediar; que assassinão impunemente, não só o filho como a mãẽ, victima de seus preconceitos e de um falso pudor que a dirige.

Ahi, presenciando as manobras, e mesmo ajudando os parteiros, *habilitão-se* para depois poderem exercer a difficil arte obstetricia; não se limitando porem (o que não seria muitas vezes prejudicial) a uma simples expectativa, mas sim atrevendo-se a manejar os instrumentos, ou então a obrigarem as pobres pacientes a inuteis esforços, e a perigosas posições,

acompanhadas de mil praticas supersticiosas e de medicamentos improprios e muitas vezes tirados de origem immunda.

Desgraçadamente não he mui diminuto o numero de taes harpias, que existem nesta capital, cujo traço habitual he a mantilha, e que marcão, para melhor se distinguirem, as portas dos seus lupanares com cruces.

Até aqui temos considerado o Charlatanismo medico exercido por individuos pela maior parte sem principios, sem estudos, e sem titulos; encarámos as multiplas faces com que elles se apresentam, as diversas classes da sociedade que mais commumente os fornecem, os graves danos que elles causão, &c.: resta-nos agora tratar do Charlatanismo exercido mesmo por aquelles que, por meios que não nos he dado referir, achão-se a coberto das leis por possuirem titulos adquiridos em Faculdades, e que entretanto outro nome não merecem senão o de Charlatães.

He todavia com receio de offender susceptibilidades de alguns (se algum pudor ainda conservão), que entramos em materia. O dever porem, de um lado, de cumprir com o desenvolvimento do ponto que nos coube, e de outro, a justa indignação de que nos vemos possuido quando reflectimos no estado de verdadeira traficancia a que tem chegado o exercicio da Medicina no nosso paiz pela existencia de taes Judas, fazem com que não nos possamos esquivar ao dever de applicar-lhes com todas as forças da nossa fraca intelligencia o justo castigo moral (unico a que nos he dado recorrer) de sua ignobil conducta, patenteando os ardís e fraudes de que se servem para estabelecer uma grande clientela e uma reputação quasi sempre immerita. Diversos e numerosos são os meios de que lanção mão para obter um tal fim estes inimigos da honra e da probidade, indignos do nome de Medicos, cuja tão nobre classe vilipendião.

He assim que vemos este, associar-se com o Boticario, para elle só dirigir todas as receitas que quotidianamente faz, prestar-lhe o seu nome para com elle estabelecer a reputação de algum remedio *universal e infallivel*, e depois entre si repartirem os lucros!

Esse, impudente, em sua propria casa estabelece a Botica, onde se faz pagar não só do importe da receita, como tambem da visita.

Est'outro, valendo-se da sua habilidade cirurgica e da extrema circumstancia em que se acha collocado o misero doente, com elle estipula e até regateia o preço da operação que tem de praticar; e não contente muitas vezes, exige-lhe o seu valor adiantado!

Aquell'outro, não tendo ainda bastante cynismo para descer a taes indignidades, procura impôr ao publico ignorante e credulo o seu saber, pondo em suas receitas os nomes dos medicamentos em lingua estranha!

Este, para mostrar os seus *vastos* conhecimentos therapeuticos, sobre-carrega cada formula de uma reunião tão monstruosa de hervas, oleos, sâes e metaes, que forma-se um amalgama de substancias heterogeneas com modos de acção diversos, sem saber, não direi a que substancia, porem a que reino devem ser attribuidos os resultados de suas operações!

Para este, todos os seus collegas são ignorantes e estupidos, já porque como elle não ostentão os fructos de sua *longa* experiencia, já porque não forão beber além mar as luzes, o talento e o saber que possuem!

Para outro, o melhor meio de estabelecer a sua fama he inserir no vasto campo das publicações diarias narrações de curas espantosas, tecendo-se elogios e indicando ao mesmo tempo o nome da rua e o numero da casa!

Este, Medico da moda, todo almiscarado, amavel ignorante insinua-se nos salões para offerecer convites de bailes. Que! o sanctuario de Hygia transformado em sala de dansa! Porque não? Terpsichore póde pagar a Esculapio seus beneficios com usura. Com effeito o Doutor não se póde recusar ás instancias da dona da casa, que precisa de distrações; a ella que já lhe alcançou empregos, títulos, condecorações, e que tudo póde obter se quizer.

Seria não só fastidioso, como mesmo vergonhoso termos por mais tempo levantado o véo que encobre taes miserias; entretanto não terminaremos sem mostrar a indecencia e o cynismo daquelle, que para mostrar sua alta intelligencia, ou para se tornar notavel, procura nas sociedades em que se acha ser o primeiro a fallar da incerteza da Medicina, e da inutilidade dos seus meios. Com effeito, para elle um regimen dietetico he tudo o que convem á Natureza; elle trata sem drogas, sem medicamentos internos; elle prescreve certos exercicios, banhos, alguns alimentos de escolha; elle quer regular as affecções moraes, os prazeres, os costumes; elle faz mais guerra ás modas do que ás molestias. He um philosopho cujo merito consiste em esperar as crises naturaes, que elle não sabe prever, nem dispor; e quando um doente morre em suas mãos..... *sic voluere Di!* Porem não deixará de haver algum herdeiro que não diga que o Doutor he um sabio, do qual não se poderia bem pagar a conducta moderada, e a doutrina *expectante*.

Não passaremos tambem em silencio aquelle que cahe n'um excesso in-

teiramente opposto. Sua medicina he toda perturbadora. A Natureza, diz elle, não pôde recuperar o equilibrio senão por um abalo: todos os remedios que elle prescreve são extraordinarios, violentos, raros e caros. He sobretudo no estrangeiro que elle vai busca-los, pois sabe que he este um motivo bastante forte para serem mais desejados. Como não acreditar na efficacia de um medicamento que se he obrigado a ir procurar em outro paiz? Como curar a phthisica, a asthma, as palpitações do coração, &c., &c., sem o *Xarope do Bosque*? Como curar todas as molestias que provem da *impureza do sangue* ou do *systema* sem as differentes especies de *Salsaparrilhas Americanas*, puramente vegetaes e de virtudes *extraordinarias e universaes*? Como restabelecer um estomago arruinado sem os elixires inglezes, suecos, francezes e italianos?

Os doentes imaginarios não podem passar sem um Medico que conhece tão bem a therapeutica de todos os paizes, e que despreza os meios ordinarios. A fortuna do Doutor he certa, pois os doentes imaginarios abundão e são raramente aváros.

Não deixaremos, emfim, de tocar ao leve na condescendencia exagerada, na complacente amabilidade com que alguns procurão captar a confiança do doente satisfazendo o seu gosto na escolha e sabor dos medicamentos (como se fossem confeitos), e submettendo-se mesmo a trata-los por este ou aquelle systema segundo a sua vontade.

He por estes e outros vis manejos que vemos quotidianamente Medicos desaber, de probidade e de virtude, desconhecidos e occultos, supplantados por semelhantes Charlatães.

He pela existencia de taes factos que a Medicina vê-se todos os dias o alvo dos sarcasmos e injurias dos que não sabem distinguir o verdadeiro do falso medico. He por taes trapaças que nella vemos reinar a desunião, a intriga, e a anarchia.

Taes são, em resumo, os funestos resultados, as terriveis consequencias do Charlatanismo; e para de uma vez o extinguir, ou quando menos reprimi-lo, julgamos de vital necessidade não só a formação, como a prompta applicação de leis energicas; por quanto seria na verdade um absurdo a existencia de Escolas Medicas no Brasil, se não houvessem leis que protegessem seus filhos, os quaes tem depois de ver-se a braços com o impavido Charlatão, que os desafia, insulta, e escarnece cuspindo-lhes injurias e tirando-lhes mesmo o honesto meio de subsistencia; e que ne-

cessitão ter uma fé mui robusta e uma grande moralidade para tambem não seguirem (como desgraçadamente temos visto) a estrada larga, facil, protegida (*) e semeada de flores do Charlatanismo.

Entretanto não he inteiramente por falta de leis que o Charlatanismo se tem augmentado de uma maneira tão prodigiosa entre nós; por quanto ellas existem, mas tão fracas e defeituosas, que tornão-se insufficientes para reprimi-lo, accrescendo além disto o estar a sua execução entregue em mãos de pessoas pela maior parte inhabeis e despidas dos conhecimentos necessarios sobre taes objectos.

Assim pois desejamos que além da formação destas leis de que acima fallamos, um tribunal especial se estabelecesse, formado de Medicos, á imitação do que vemos praticado nas principaes cidades das Nações cultas da Europa e da America do Norte, tribunal que com poderes extensos a elle só fosse incumbido julgar sobre taes materias. Só desta maneira julgamos que se poderá dar um golpe decisivo nesta terrivel peste que nos flagella e decima.

Julgando pois necessaria a existencia de leis repressivas do Charlatanismo, temos implicitamente demonstrado a inconveniencia do exercicio livre da Medicina. Porquanto, se taes abusos se dão mesmo existindo leis que estabelecem condições, que exigem habilitações para a sua pratica, qual não seria o resultado não as havendo, ou sendo livre o seu exercicio? A desordem e a anarchia serião a consequencia necessaria de um tal estado de cousas, transformada como seria então a liberdade em uma verdadeira licença.

Muito embora já se tenha feito do alto de uma tribuna a apologia do Charlatanismo, apregoando-se uma illimitada liberdade no exercicio medico; cremos que um tão immoral absurdo não seria compativel senão com o estado selvagem, e não com o nosso, constituídos como somos em sociedade.

Eis o nosso acanhado e humilde modo de entender a respeito de um assumpto de tão alta transcendencia, que muito acima da nossa fraca intelligencia, apenas d'elle podémos mal traçar este pequeno esboço.

(*) Com muita razão dizemos protegido como mesmo autorizado entre nós o Charlatanismo, pois contra o que se acha expressamente determinado no art. 13 da lei de 3 de Outubro de 1832, que diz: — « Sem título conferido, ou approved pelas Faculdades (de Medicina) ninguem poderá curar, ter Botica, ou partejar....» vemos que são considerados legaes os attestados, se não diplomas, que a qualquer official de officio passa uma intitulado — escola de medicina homœopathica.

II

(SCIENCIAS CIRURGICAS.)

Marcar os casos em que se deverá dar a *Infecção purulenta*. Em que consiste ella?

I.

A mistura de pus com o sangue e os phenomenos morbidos que della resultão constituem a *Infecção purulenta* ou *Pyoemia* (*).

II.

Os termos de *Infecção purulenta* e *Pyoemia*, que adoptamos, indicão os dous pontos principaes etiologicos e symptomaticos da molestia, e offerecem a vantagem de se completar um pelo outro.

III.

As denominações de *phlebite*, *resorpção* e *absorpção purulentas*, *diathese purulenta*, *febre purulenta*, &c., dadas á *Pyoemia* ou *Infecção purulenta*, são erroneas.

IV.

Segundo a opinião dos mais habéis micrographos, trez são os elementos de que se compõe o pus: globulos, granulos, e serosidade.

(*) De — Πύον, — pus — e — αἷμα, — sangue.

V.

Os globulos são o elemento verdadeiramente constitutivo do pus.

VI.

Os globulos do pus tem em geral um volume duplo e muitas vezes triplo dos do sangue; alguns apenas tem um diametro igual.

VII.

A verdadeira causa da Infecção purulenta ou Pyoemia he a introducção do pus no sangue.

VIII.

A apparição da Pyoemia he sempre precedida de uma suppuração desenvolvida em um ponto qualquer da economia.

IX.

Entre a suppuração das veias e a Pyoemia existe uma relação manifesta de causa a effeito.

X.

A introducção e a presença de pus no sangue tem sido positiva e evidentemente provadas.

XI.

A injecção de pus nas veias dos animaes produz todos os phenomenos da Pyoemia.

XII.

Os productos da fermentação putrida do pus não determinão verdadeiras Pyoemias.

XIII.

Dos elementos componentes do pus o unico que não produz a Pyoemia he a serosidade.

XIV.

Das partes solidas do pus a que mais particularmente determina a Pyoemia são os globulos.

XV.

A phlebite, a erosão ulcerosa das veias, a divisão traumatica destes vasos, a lymphangite, a arterite e a cardite, são os modos de introducção do pus no sangue.

XVI.

O accumulamento de doentes com suppurações, a retenção de pus nas feridas, as perdas de sangue, a debilidade e a fraqueza por causas physicas ou moraes, as suppurações chronicas, as feridas e as ligaduras das veias, e o genio epidemico, são causas predisponentes da Infecção purulenta.

XVII.

Calafrios, embaraço e frequencia da respiração, còr plumbea e icterica dos tegumentos, sudamina, pustulas, abcessos subcutaneos, emmagrecimento, debilidade, stupor, delirio, sonhos agitados, frequencia, molleza e irregularidade do pulso, são os symptomas habituaes e quasi constantes da Infecção purulenta.

XVIII.

Diminuição ou suppressão da suppuração das feridas, pus sanioso e fetido, seccura da lingua, estado fuliginoso dos dentes, gengivas e labios, dôres, intumescencia e derramamentos nas articulações, dôres epigastricas, abcessos intra e extra-musculares, sobresaltos dos tendões, retenção de urina, paralyisa, purulencia da conjunctiva, opacidade e erosão superficial da

cornea, são symptomas menos frequentes, mas que reunidos concorrem como os primeiros para a certeza do diagnostico.

XIX.

A Pyoemia não tem signal pathognomonic, nem se distingue por este ou aquelle symptoma.

XX.

He só na frequencia, successão e simultaneidade de certos symptomas, como nas condições de sua appareição, que se póde estabelecer os elementos de diagnostico da Pyoemia.

XXI.

Nos casos de feridas em suppuração, em que apparecem calafrios irregulares, com secura da ferida ou sem ella e alteração (ou não) do pus, embaraço e frequencia da respiração, côr plumbea e icterica dos tegumentos, grande abatimento, e emmagrecimento rapido, ha Pyoemia.

XXII.

A existencia de uma phlebite provada permite annunciar uma invasão pyoemica, se aos seus symptomas locais se juntarem calafrios, abatimento, côr amarella dos tegumentos, inspiraões profundas e numerosas.

XXIII.

A Pyoemia póde ser fulminante, aguda ou chronica, ou apresentar-se sob a forma de ataques.

XXIV.

Todas as differenças que se notão na marcha da Pyoemia dependem da quantidade do pus introduzido na circulação, de uma maneira continua ou com intervallos diversos.

XXV.

A duração da Pyoemia póde variar por circumstancias infinitas.

XXVI.

Em geral, na terminação pela morte, a Pyoemia apresenta uma duração de quatro a doze dias.

XXVII.

A trez cathogorias de factos se pôdem referir os casos de Pyoemia: 1.º casos mui leves e mui curaveis; 2.º graves, porem susceptiveis de cura; 3.º emfim, de tal maneira perigosos pela séde, numero e extensão das desordens produzidas, que a terminação pela morte he quasi inevitavel.

XXVIII.

A multiplicidade dos factos apresentados por varios autores (principalmente por Sédillot) põe fóra de toda a duvida que a cura he a terminação mais ordinaria da Pyoemia.

XXIX.

A purulencia he o termo das alterações pyoemicas, que se encontra sob duas formas mui distinctas: abcessos e derramamentos de pus.

XXX.

A inflamação he sempre pre-existente á formação do pus derramado, ou em foco.

XXXI.

Os abcessos, ditos *metastaticos*, são sempre o resultado de uma phlegmasia local determinada pela presença dos elementos solidos do pus.

XXXII

Os elementos solidos do pus detendo-se mecanicamente nos tramas capillares, os obstruem e produzem derramamentos de sangue ou de outros liquidos ou fluidos circulantes: uma congestão tem lugar, a qual sempre crescente, he bem depressa seguida de depositos plasticos.

XXXIII.

A hepatisação rubra marca mui distinctamente o periodo inflammatorio, ao qual se segue a formação do pus.

XXXIV.

A formação do pus constitue a infiltração cinzenta, que he constantemente acompanhada de abcessos *punctuados*.

XXXV.

Abcessos *punctuados* são pequenas e multiplas collecções de pus, contidas em cellulas ou canaes, que augmentando-se e reunindo-se em um só foco dão lugar ao abcesso completo, que occupa a totalidade dos tecidos primitivamente indurados.

XXXVI.

O abcesso completo he muitas vezes envolto em uma falsa membrana, cuja desaparição deixa o pus directamente em contacto com um parenchyma em apparencia normal.

XXXVII.

O abcesso completo póde-se abrir nas cavidades vizinhas, ou caminhar para fóra, como todas as collecções purulentas, pela imflammação ulcerativa que então se estabelece.

XXXVIII.

O abcesso completo póde ser reabsorvido, sendo primeiramente transformado em um liquido claro e seroso (*liquefacção do pus*), cujos vestigios mais tarde desaparecem.

XXXIX.

Pódem-se encontrar os abcessos *metastaticos* em todos os pontos da economia animal.

XL.

Os abcessos *metastaticos* affectão especialmente a periphèria dos orgãos, podendo tambem ser encontrados nos pontos contusos em que existem derramamentos, congestões e phlogose.

XLI.

Os abcessos *metastaticos* pôdem variar de volume, desde o de uma cabeça de alfinete até ao de um punho.

XLII.

O numero dos abcessos *metastaticos* está na proporção dos orgãos affectados e intensidade da Pyoemia: em geral pôde-se considerar a multiplicidade como um dos seus caracteres.

XLIII.

Não se pôdem estabelecer relações fixas entre o volume e o numero dos abcessos *metastaticos*: em geral porem a pequenez do seu volume está na razão directa da sua multiplicidade.

XLIV.

Os pulmões são os orgãos em que mais particularmente se encontrão os abcessos *metastaticos*.

XLV.

Os pulmões encontrão-se: ora, são e crepitantes no intervallo das supurações ditas *metastaticas*, e então murchão sob a pressão atmospherica na abertura do thorax; ora, indurados, pesados, de uma còr vermelha escura, cheios de escumas sero-sanguineas, e conservão o seu volume, sem apresentar os menores vestigios de abcessos.

XLVI.

Encontrão-se frequentemente pneumonias no primeiro e no segundo gráu mui extensas formando a base ou a matriz das collecções purulentas.

XLVII.

Effusões de ar, verdadeiros emphysemas de base purulenta, se encontram nos pulmões.

XLVIII.

O figado, o baço, os musculos, o tecido cellular, o coração, os rins e o cerebro offerecem abscessos *metastaticos* semelhantes aos do pulmão, salvo as differenças tiradas da natureza destes órgãos.

XLIX.

O derramamento da materia corante da bilis, dá aos diversos gráus da inflammção suppurativa do figado uma côr particular amarellada, livida ou esverdeada.

L.

Em quasi todos os casos de abscessos hepaticos, encontram-se abscessos pulmonares.

LI.

Na phlebite das ramificações da veia-porta, o figado póde apresentar abscessos, sem que existão nos pulmões.

LII.

Dos musculos he o triceps sural, o que he mais particularmente a séde das suppurações *metastaticas*.

LIII.

He na substancia cortical dos rins que mais vezes se encontram os abscessos *metastaticos* destes órgãos.

LIV.

A pleura he a membrana em que mais vezes se depara com os depositos purulentos *metastaticos*.

LV.

Existe uma correlação, uma coincidência de alterações pulmonares com os casos de pleuriz pyoemico.

LVI.

A abertura e o derramamento nas pleuras dos abscessos ulcerados do pulmão, constituem os casos mais notaveis de pleuriz consecutivo.

LVII.

Não he só á propagação da inflammação pulmonar, que se deve attribuir o pleuriz e o pyothorax que se encontrão na Pyoemia, mas tambem á acção irritante dos globulos purulentos introduzidos na circulação.

LVIII.

A inflammação das synoviae articulares e os derramamentos purulentos consecutivos são mui frequentes na Pyoemia.

LIX.

A introduccão do pus na circulação parece-nos que não modifica directamente a composição do sangue, mas que dá em resultado uma simples alteraçã por mistura.

LX.

Uma ordem de alterações do sangue provém das perturbações da hematose e talvez das secreções pela presença dos elementos solidos do pus.

LXI.

A gravidade da Pyoemia está subordinada a diversas condições : 1.º—a quantidade de pus introduzido na circulação; 2.º—a qualidade deste pus; 3.º—as condições em que se achão os doentes.

LXII.

O perigo da Pyoemia está na razão directa da quantidade do pus introduzido no sangue.

LXIII.

A chronicidade he o character mais favoravel da Pyoemia.

LXIV.

Nos casos em que o microscopio demonstra a presença do pus na totalidade do sangue, a morte he constante.

LXV.

Um pus seroso he menos perigoso que um pus espesso e quasi inteiramente composto de globulos.

LXVI.

Um pus louvavel, sem cheiro, provoca accidentes menos graves que um pus alterado e fetido.

LXVII.

A constituição, a idade, as molestias anteriores ou co-existentes, as hemorragias, o accumulamento, a má alimentação, uma epidemia reinante, o abatimento moral, a natureza das feridas, são importantes elementos de prognostico.

LXVIII.

Os homens seccos, vigorosos, de peito largo, apparelho respiratorio desenvolvido, circulação livre e energica, são os que mais resistem á Pyoemia.

LXIX.

A infancia e a mocidade são condições vantajosas para a cura da Pyoemia.

LXX.

As molestias anteriores ou co-existentes, como causa de enfraquecimento, aggravaõ o prognostico da Pyoemia.

LXXI.

As perdas de sangue, taes como as hemorrhagias traumaticas, predispondo para a invasão da Pyoemia, difficultão a sua cura.

LXXII.

O ar viciado pelo accumulamento de doentes em um lugar mal arejado, e a má alimentação são as causas mais ordinarias das terminações funestas da Pyoemia.

LXXIII.

Qualquer epidemia de Infecção purulenta, existente em uma enfermaria, he um perigo de morte para os doentes.

LXXIV.

A tristeza, o desanimo, a inquietação e a desesperança, são probabilidades de morte; a coragem, a alegria, &c., são probabilidades de uma terminação favoravel.

LXXV.

Nas suppurações determinantes da Pyoemia, quando accessiveis aos meios cirurgicos e susceptiveis de serem estancadas, o perigo he menor e a cura possivel.

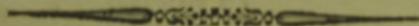
LXXVI.

Quando a fonte do pus he pouco extensa, limitada a uma só veia, ou a

orgãos sem communição facil com as veias superiores ou centraes, o prognostico he favoravel.

LXXVII.

Todas as affecções nas quaes ha producção de pus terminão muitas vezes pela Pyoemia.



III

(SCIENCIAS MEDICAS.)

O Typhus e a Febre typhoide são molestias identicas?

Autant par paresse d'esprit que par manque d'aptitude à saisir les différences réelles des nombreux phénomènes qu'il se propose d'étudier, l'homme cherche incessamment à les rapprocher entr'eux, à les identifier en quelque sorte, espérant par là abrèger sa tache d'explorateur. Mais l'expérience et son irrésistible autorité, oblige tôt ou tard à reconnaître toutes les distinctions qu'on avait à tort repoussées.

(Rochoux.—*Arch. de Med.* Février 1840.)

Para podermos responder com algum methodo a esta difficil e espinhosa questão de pathologia medica que por tantas vezes tem occupado, e ainda occupa, a attenção dos principaes Medicos da Europa, que tem servido de ponto a calorosas e interminaveis discussões Academicas e de objecto a extensas e numerosas Memorias, convem que examinemos successivamente se em ambas as enfermidades os symptomas, marcha, duração, prognostico, causas, alterações anatomicas e tratamento, são semelhantes ou offerecem differenças bem salientes.

Sem desconhecermos as grandes analogias que existem entre o Typhus e a Febre typhoide, analogias que fizerão com que os antigos Medicos, sobre-

tudo os que illustrarão os dous ultimos seculos, taes como Sydenham, Cullen, Chirac, Stoll, &c., confundissem estas duas affecções, considerando o Typhus como uma variedade da febre putrida ou maligna (Febre typhoide); entretanto não podemos deixar de admittir com Hildenbrand, J. Frank, Rochoux, Andral e grande numero de autores, distincções pathologicas muito sensiveis entre ellas, distincções que baseadas sobre os admiraveis progressos da anatomia pathologica, devidos aos accurados e incessantes trabalhos de Petit e Serres, Louis, Andral e muitos outros sabios pathologistas, fazem com que se possa estabelecer uma linha divisoria, e, como diz Rochoux, insuperavel entre estas duas affecções.

Assim, sem nos mettermos em maiores considerações, vamos desde já entrar em materia, estabelecendo um parallelo entre uma e outra enfermidade, apresentando conjunctamente as analogias e differenças que entre ellas se notão. Depois então da somma de uma ou outra concluiremos a sua differença ou identidade, estabelecendo por fim diversas proposições que serão, por assim dizer, os corollarios do que tivermos expellido.

PARALLELO ENTRE O TYPHUS E A FEBRE TYPHOIDE.

Symptomas.

Prodromos e invasão.—*Analogias.*— Δ cephalalgia, o peso de cabeça, a mudança de humor ou de disposição, a tristeza, o desanimo, presentimentos sinistros, canção, as alternativas de frio e calor, as dôres vagas nos lombos e membros, e a anorexia, estabelecem uma grande analogia entre os symptomas da Febre typhoide e do Typhus neste periodo.

Differenças.—Cheiro terroso, de palha podre, de variola confluyente exhalado pelo doente (Hildenbrand), tremor das mãos, commoção repentina electrica e dolorosa nos membros (Pringle), sensação de constricção penosa no epigastro e nauseas, são symptomas que pertencem mais especialmente ao Typhus neste periodo.

Na Febre typhoide nenhum destes symptomas apparece, e o doente he ordinariamente logo accommettido de epistaxis e diarrhéa acompanhada de dôres abdominaes (Louis, Chomel, Andral, &c.)

Periodo inflammatorio.—Analogias.—Como symptomas analogos fazemos notar: o abatimento, as vertigens, o stupor, os tinidos nos ouvidos, e zoadas, o embotamento dos sentidos, a fraqueza, a impossibilidade de estação vertical, a lentidão da palavra, das respostas (por monosyllabos), e dos movimentos da lingua (esquecida algumas vezes entre os dentes), a dysphagia, a intensidade da sêde, a epistaxis, o somno inquieto e agitado, dôres nos membros e articulações, o decubitus dorsal e immovel, algumas vezes parotidas e a apparição de uma erupção.

Differenças.—Distingue-se o Typhus da Febre typhoide em que no primeiro: o stupor he muito mais pronunciado, assim como a fraqueza muscular; ha dôr e tensão do hypocondrio direito, tumores inguinaes, ás vezes carbunculos, calor halituoso da pelle, lingua sem mudança notavel de côr, e o desenvolvimento ao terceiro ou quarto dia da erupção petechial (*exanthema fugaz morbilliforme* de Rochoux), sempre seguida de descamação, sob a fórma de pequenos pontos disseminados, semelhantes ás mordeduras de pulgas, ou aos que se encontram entre as placas agglomeradas dos sarampos.

Na Febre typhoide ha: dôr e gargarejo na região ileo-cœcal, diarrhéa, stertor mucoso e sibilante á auscultação, calor secco e mordicante na pelle, lingua rubra na ponta e bordas, com o centro esbranquiçado ou amarellado, sêde e anorexia, pulso cheio e duro, epistaxis e apparição de largas manchas rubras (verdadeiras ecchymoses) no sacro e grandes trochanteres, em consequencia do peso do corpo do doente, no decubitus dorsal ou de lado.

Periodo nervoso.—Analogias.—São symptomas communs a ambas as enfermidades neste periodo: stupor mais forte, sentidos enfraquecidos, sobresalto de tendões, supinação, carphologia, delirio, algumas vezes perda de memoria, indifferença dos doentes para as pessoas e cousas que os cercão, dentes incrustados, ventas obstruidas, deglutição difficil, soluço, lingua negra e dura, meteorismo, diarrhéa involuntaria e fetida, dôr do ventre pela pressão, retenção ou incontinencia d'ourina, secura e rugosidade da pelle, ou suor viscoso e geral, persistencia da erupção, pulso variavel, reunião ou predominio das fórmas adynamica e ataxica, ulcerações e gangrenas externas.

Differenças.— Neste periodo, observa-se mais particularmente na Febre typhoide a hemorragia intestinal; no Typhus a separação e descamação da epiderme: o exanthema do typhus desaparece então, enquanto que na Febre typhoide he pelo contrario a época (do 7.º ao 14.º dia) em que ordinariamente se desenvolve a erupção typhoide, consistindo em pequenas elevações arredondadas, de uma linha a linha e meia de diametro, de côr vermelha rosea, tendo por séde a rede mucosa que offerece nos pontos em que ellas se formão uma especie de dureza e de engorgitamento susceptiveis de persistir durante 6 ou 8 dias.

No Typhus apparecem parotidas, carbunculos (Hildenbrand), anthrazes (Desgenettes), e tumores inguinaes: o stupor he de tal sorte pronunciado que os doentes jazem, como uma massa inerte, privados de sentimento e de movimento.

Na Febre typhoide o delirio he de ordinario alegre e ruidoso, exigindo muitas vezes meios de repressão (Chomel); apparecem sudamina e dilatação das pupillas.

No Typhus o delirio he de uma fôrma particular, designado por Hildenbrand sob o nome de *typhomania*, e por elle descripto tão vera e propriamente que nada deixa a desejar. « As impressões, diz este autor, que vem « dos sentidos externos sendo imperfeitamente percebidas pelo sensorio, « acontece que os doentes que se occupão com estas impressões sonhão « sem dormir, e quando estão meio-adormecidos, gesticulão sem cessar, « delirão com uma singular incoherencia sobre objectos exteriores no « meio de occupaões continuas, de impressões interiores, confundindo « umas com as outras. »

Periodo de remissão ou de augmento.—*Analogias.*—O desaparecimento do delirio, o facies melhor do doente que parece sahir como de um sonho, as respostas mais promptas e faccis, a volta do appetite e do somno, a flexibilidade da pelle, a cessação das evacuaões involuntarias, e a apparição de diversos phenomenos considerados criticos, taes como: diaphorese geral, diarrhéa copiosa e sem-dôres, urinas sedimentosas ou claras e abundantes, epistaxis e expulsão de mucosidades pelo nariz, são symptomas communs a ambas as enfermidades no caso de terminação feliz; no caso contrario, se a morte he imminente: suor viscoso e fetido, ulceraões gangrenosas da pelle, o balbuciar palavras sem nexo, o esfriamento das ex-

tremidades, pulso filiforme, respiração embaraçada e deglutição das bebidas como em um tubo inerte.

Differenças.—Se bem que, como acabamos de vêr, os phenomenos que se notão no caso de cura ou de morte, sejão analogos em ambas as enfermidades, entretanto nota-se como particularmente pertencendo á Febre typhoide, na terminação pela morte: a peritonitis super-aguda, devida á perforação intestinal, e as hemorragias intestinaes, facto este que nenhum autor aponta no Typhus.

Convalescença.—Analogias.—Fraqueza dos sentidos e da memoria, surdez, reaparição do appetite e outros desejos, pelle flaccida e murcha, queda dos cabellos, restabelecimento lento e progressivo.

Differenças.—No Typhus se encontra mais particularmente: a seccura da epiderme que cahe em escamas, a renovação das unhas, um estado de brilho e luzidio particular dos olhos (Rochoux), a perda, enfraquecimento ou perversão da vista e da memoria, de tal sorte que os doentes chegão a desconhecer os seus proprios parentes e amigos, surdez e um tinido continuo nos ouvidos, que se conserva durante muito tempo, (como assevera Rochoux, na observação que apresenta do Typhus de que fôra accommettido), e a volta de desejos venereos e fome devoradora. A convalescença no Typhus he muito mais rapida dô que na Febre typhoide.

Symptomas em relação com as diversas funcções.

Funcções digestivas.—Analogias.—No Typhus como na Febre typhoide ha: sêde e inappetencia, rubor da garganta, halito fetido, incrustação dos dentes e gengivas, lingua tremula e ás vezes esquecida fóra da bocca, dysphagia, nauseas e vomitos, dôres na região abdominal, meteorismo; constipação, ou diarrhéa, desde o principio; evacuações involuntarias fetidas e varias em numero, côr e cheiro, mais tarde.

Differenças.—A dôr e gargarejo na fossa iliaca direita, o meteorismo, a peritonitis em consequencia da perforação intestinal, assim como as hemorragias, são symptomas proprios da Febre typhoide.—Sensação de constricção penosa no epigastro, dôr e tensão do hypochondrio direito, são caracteres speciaes do Typhus.

Funções respiratorias.—Analogias.—A respiração frequente e embaraçada, tosse, escarros brancos, viscosos ou sanguíneos, gemidos e suspiros involuntarios, pleuriz e pneumonia, são phenomenos e complicações que se notão em ambas as affecções.

Differenças.—Entretanto na Febre typhoide os bronchios e mesmo os pulmões são mais particularmente affectados, donde resultão os diversos stertores proprios das affecções destes órgãos, sobretudo os stertores mucoso e sibilante que são constantes segundo os autores, e que não se notão no Typhus, no qual o estado catarral parece mais especialmente pronunciar-se na garganta e fossas nasaes.

Funções da circulação.—Analogias.—O pulso no Typhus e na Febre typhoide he variavel: algumas vezes cheio e duro no principio, e enfraquecendo-se depois, até quasi sumir-se; dando por minuto de 120 a 130 pulsações e até mais, com exacerbações para tarde e noite.

Differenças.—Tem-se observado mais particularmente nas Febres typhoides o pulso lento, dicroto, redobrado, intermittente; estados estes que não mencionão os autores que escreverão sobre Typhus, assignalando porem um movimento de trepidação singular, uma agitação intestinal na columna sanguinea, movimento analogo ao da agua quando ferve (Dalmas). No Typhus a queda do pulso he mais rapida que na Febre typhoide, onde bem que elle desça, conserva-se frequente.

Funções nutritivas.—Analogias.—São phenomenos communs nos dous casos: alternativas de frio e calor, esfriamento dos membros, calor acre e mordicante, suor viscoso e fetido (como de catinga de rato), tendencia para a gangrena e desorganisação, rubor e injeccão das mucosas, parotidas, epistaxis, queda dos cabellos, e excreção fetida e involuntaria de fezes e urinas.

Differenças.—São symptomas particulares do Typhus: o cheiro terroso, de palha podre ou de variola confluyente, a ictericia, a descamação epidérmica, os carbunculos, os anthrazes, os tumores inguinaes e a queda das unhas.

Funções de relação.—Analogias.—A cephalalgia, tinidos nos ouvidos e zozada, surdez, indifferença, tristeza, respostas lentas e difficeis, dôres e quebrantamento dos membros, decubitus em supinação, sonhos interruptos, insomnia, grande fraqueza, prostração e carphologia, são symptomas communs ás duas enfermidades.

Differenças. — As vertigens, a injeção das conjunctivas, o tremor das mãos, uma commoção repentina e electrica nos membros, são phenomenos particulares do Typhus, no qual o estado *adynamico* he mais pronunciado; o stupor que nelle se observa sobrevem logo desde o começo, em quanto que na Febre typhoide só apparece no segundo periodo. No Typhus a cephalalgia he intensa e sem ponto determinado, em quanto que na Febre typhoide ella he gravativa e occupa ordinariamente a região supra-orbitaria.

Marcha, duração, prognostico, complicações, crises e terminações.

Marcha e duração. — *Analogias.* — A marcha continua e com exacerbações para a tarde e noite, e a duração ordinaria de um septenario para cada um dos periodos, parecem estabelecer uma grande analogia entre estas duas affecções.

Differenças. — Entretanto a marcha do Typhus he muito mais rapida, tendo uma duração invariavel (Hildenbrand) de 14 dias na terminação pela cura, podendo terminar pela morte no 4.º ou 5.º dia, e mesmo em poucas horas, como se observou no typhus de Torgau e de Mayence. A Febre typhoide offerece uma marcha mais lenta e a duração muito mais longa, ordinariamente de 20 a 25 dias (Chomel), quando a terminação he favoravel, nunca sobrevindo a morte antes do 5.º ou 6.º dia.

Prognostico. — *Analogias.* — Absolutamente fallando, o prognostico he grave em ambas as enfermidades. Em geral as affecções moraes tristes, o delirio continuo e taciturno, e os symptomas ataxicos, augmentão a gravidade do prognostico.

Na Febre Typhoide como no Typhus a mortalidade parece ser menor nos individuos jovens. A urina sedimentosa e as parotidas no fim da enfermidade, diarrhéa moderada e sem dôres, e os suores geraes, forão considerados como signaes prognosticos favoraveis em ambos os casos; e desfavoraveis: soluço continuo, carphologia, evacuações fetidas e involuntarias, surdez logo no começo da enfermidade, cheiro cadaveroso, delirio forte no principio, assim como parotidas, escaras e gangrenas parciais.

Differenças.— Entretanto o prognostico do Typhus he muito mais grave que o das Febres typhoides: a rapidez de sua marcha ocasionando a morte em poucas horas, a mortalidade de mais de metade dos doentes d'elle accomettidos, como observou Desgenettes em Torgau que em 25000 homens mais de 13000 vio perecer, estabelecem uma grande differença entre o prognostico do Typhus e o da Febre typhoide.

A perforação intestinal, e a peritonitis que della resulta, constituem na Febre typhoide um accidente terrivel que se não encontra no Typhus.

Complicações— Analogias.— A pneumonia, o pleuriz, as parotidas, o soluço, as gangrenas e ulcerações externas, os vermes, o meteorismo, a epistaxis e a retenção de urina, são complicações que se encontrão em ambas as enfermidades, e que estabelecem uma grande analogia sob este ponto de vista.

Differenças.— A pneumonia he rara no Typhus, e muito commum na Febre typhoide; a perforação intestinal parece exclusivamente pertencer a esta, na qual a erysipela da face he uma das complicações mais constantes (Chomel): a encephalite, a apoplexia, os accidentes nervosos taes como a hydrophobia e a catalepsia (observados por Gasc), são accidentes particulares, que se notão sómente no Typhus.

Crises e terminações.— *Analogias.*— Os mesmos phenomenos criticos forão observados pelos autores em ambas as enfermidades, quando a terminação era favoravel.

Differenças.— Na terminação pela morte porem apresenta-se a perforação intestinal na Febre typhoide como symptoma differencial do Typhus.

Causas.

Sexo e idade.— *Analogias.*— Os individuos de um e outro sexo parecem igualmente sujeitos ao Typhus e á Febre typhoide, assim como a idade de 20 a 30 annos a que offerece geralmente maior numero de casos.

Differenças.— Entretanto a Febre typhoide apresenta-se frequentemente na idade de 18 a 30 annos, raras vezes se encontra acima de 40, e nenhum caso talvez se tem apresentado em que o doente tivesse mais de 50 annos (Chomel); resultados estes que forão confirmados pelas obser-

vações de Louis. O mesmo não se dá com o Typhus que não obstante ser mais ordinario na idade de 20 a 30 annos, comtudo não são poupados os individuos de outras idades desde que se expõem á intoxicação do miasma typhico.

Constituição, alimentação, estações, temperatura e affecções moraes. — Nenhuma conclusão. Em geral, o enfraquecimento da constituição pela miseria, pelas molestias anteriores, pela tristeza; a humidade prolongada, as estações quentes e humidas, o uso de alimentos de má qualidade, as aguas corruptas, nutrição insufficiente, a nostalgia e as affecções moraes tristes em geral, são causas predisponentes de ambas as enfermidades.

Lugares, habitação, aclimação. — *Analogias.* — A habitação em um lugar humido, baixo e mal arejado, he causa commum ao Typhus e á Febre typhoide.

A preferencia com que são atacados de Febre typhoide os recém-chegados a Paris, e a preferencia tambem com que são accommettidos do Typhus os recém-chegados a bordo dos navios e lugares infectados, estabelecem analogias entre estas duas affecções sobre o ponto de vista de aclimação.

Differenças. — Reconhece-se como a causa mais poderosa e mesmo indispensavel do Typhus o accumulamento de um numero consideravel de individuos sãos ou doentes em um mesmo espaço, e he por esta razão que o vemos desenvolver-se de preferencia nas prisões, a bordo dos navios de transporte, nos quartéis, nas igrejas (Roupe) e nos hospitaes, onde Dupuytren em 1814 e 1815 já tinha observado que nas enfermarias confiadas aos seus cuidados, enquanto o numero dos feridos não excedia a 200, nenhuma complicação punha obstaculo á cura, mas logo que o numero chegava a 210 e 220 a podridão do hospital e o Typhus não tardavão a manifestar-se.

Entretanto taes factos não se dão para com a Febre typhoide, que se desenvolve sem ser necessaria a condição previa do accumulamento.

Assim reconhece-se a causa determinante do Typhus, isto he, a viciosidade particular do ar pelo accumulamento de um grande numero de individuos; entretanto o mesmo não acontece com a Febre typhoide, cuja causa determinante e a acção immediata que a produz escapão (Chomel) no estado actual da sciencia a todas as investigações. O que sómente se sabe he, que uma condição existe, sob cuja influencia a Febre typhoide se de-

envolve com uma preferencia bem notavel, e vem a ser a habitação recente em uma grande cidade; facto este que já especialmente assignalado por Petit he confirmado por Chomel, Louis, Bouillaud, Andral, &c. Não se póde determinar como esta condição morbificá opera para a produção da affecção typhoide. A influencia da acclimação nos he demonstrada, porém não se póde no estado actual da sciencia dar uma explicação incontestavel. Quanto á semanações putridas e cadaverosas, consideradas como causas analogas do Typhus e da Febre typhoide, tal analogia desaparece á vista das observações de Chomel e outros que indagando se com preferencia atacava a Febre typhoide os Estudantes de Medicina que se entregáo a disseccões, reconheceráo que indistinctamente os accommettia, sómente observando a preferencia nos que ainda se não achaváo acclimados. Assim o facto das emanações putridas como causas analogas do Typhus e da Febre typhoide, fica sem nenhum valor á vista de observações tão concludentes.

Contagio, causas especificas.—Analogias.—Os factos de contagio de Dothineria apresentados por Bretonneau, Gendron, Leuret e outros, e as observações da Febre typhoide poder reinar epidemicamente, assim como accommetter o mesmo individuo uma só vez, parecem estabelecer uma grande analogia entre esta affecção e o Typhus, que he sempre contagioso, reina epidemicamente, e não ataca a maior parte das vezes o mesmo individuo senão uma vez.

Differenças.—Resulta porém das numerosas observações de Andral, Chomel, Rochoux e maioria dos principaes Medicos de Paris que um só facto não tem apparecido que possa cabalmente explicar o contagio da Dothineria, entretanto que o contrario tem acontecido com o Typhus. E, na verdade, a unica prova do contagio de uma enfermidade tira-se do perigo manifesto que offerece a approximação dos doentes e da immunidadade que se gosa quando se está delles affastado: estas duas ordens de resultados reproduzem-se sempre no Typhus.

Constantemente com effeito o Typhus respeta os que se abstem de toda a relação directa ou indirecta com os doentes delle affectados, e accommette sómente as pessoas que estão na impossibilidade de tomar as mesmas precauções.

Innumeros são os factos que possui a sciencia para pôr fóra de toda a duvida o contagio do Typhus; entre outros apontaremos os seguintes:—

Quando esta affecção se desenvolve n'um exercito em campanha, acontece muitas vezes que depois da passagem deste exercito, o Typhus se desenvolve em diversos pontos do paiz atravessado. O mesmo tem-se verificado depois da passagem de columnas, de prisioneiros. Foi desta maneira que em 1809 columnas de prisioneiros Hespanhoes arrastárão consigo o Typhus carcerario desde Bayonne até Auxerre e o espalhárão em todo o caminho atravessado, bem como o fizerão em 1814 os exercitos alliados que entrárão na França. Com elles o mal se introduzio nos hospitaes de Paris em que se recebião militares, e vio-se então um grande numero de Medicos, Cirurgiões e enfermeiros serem victimas de uma epidemia de que não serião certamente atacados se ella não tivesse um caracter contagioso.

Muitas observações referidas por autores dignos de fé existem, as quaes provão que o Typhus póde-se declarar em pessoas que tiverão relações com os soldados ou prisioneiros que não o tinham, nem havião sido atacados d'elle, mas que vinhão de lugares onde existia. Estes individuos devem ser considerados como transportando, não a molestia mas a causa que bebêrão em sua origem perto dos doentes, causa a que resistirão, mas á qual os outros não poderão resistir. Ora, esta causa não podia consistir em uma certa quantidade de ar alterado, mas sim em princípios virulentos que só podem ser assim transportados.

Lê-se no Jornal de Corvisart, Leroux e Boyer o seguinte: Um homem fugido das prisões d'Aix na Provence onde reinava o Typhus, tendo-se refugiado na aldêa de Valentine perto de Marseille, a molestia declarou-se em seus hospedes, depois mais tarde naquelles que tiverão o cuidado de escondê-lo. Destes ultimos propagou-se a alguns outros, sendo o numero dos que forão atacados vinte e um.

Pringle refere um facto que foi reproduzido por muitos autores. Em 1743 o exercito Inglez que fazia a guerra na Allemanha, encerrava grande numero de doentes. Uma parte destes accommettidos de Typhus, tendo-se dirigido para Gand, encarregou-se a um individno desta cidade de remendar uns pannos que tinham servido de coberturas a estes doentes. Este homem e vinte e tres dos seus companheiros, que associára ao seu trabalho, forão logo accommettidos de Typhus, e destes vinte e quatro succumbirão dezesete.

Pringle, referindo este facto, accrescentou como circumstancia notavel que nenhum destes individuos tivera communicação com os doentes.

Por estes factos e outros analogos que forão recolhidos n'uma multi-

dão de lugares, a existencia de principios contagiosos e virulentos, de um miasma no Typhus, nos parece incontestavel; miasma este que, he forçoso confessar, ignora-se donde procede, em que consiste, porque vias penetra, e quanto tempo he necessario para elle obrar. Segundo Hildenbrand, basta trazer sobre si durante uma hora as roupas de um doente affectado de Typhus, para ser delle atacado. Quanto á duração absoluta deste virus, alguns autores a limitão a 3 mezes. Esta asserção e outras que passaremos em silencio, tem, como tudo o que se refere á historia deste virus, necessidade de confirmação.

Dar-se-ha o mesmo para com a Febre typhoide? Não: 1.º — tem-se observado constantemente que as pessoas que prestão socorros a individuos affectados de Febre typhoide, achando-se em circumstancias as mais favoraveis á sua transmissão, entretanto não contraem a enfermidade; 2.º, — aquellas pessoas que, pela natureza dos cuidados que prestão aos doentes, estão mais expostas a aspirar os miasmas que elles fornecem, taes como os Medicos, enfermeiros, &c., nunca a contraem; 3.º, — nos hospitaes de Paris, onde póde-se dizer que não ha um leito em que se não tenha deitado um doente de Febre typhoide, onde ha constantemente e na mesma enfermaria muitos individuos affectados desta molestia, com tudo nunca se notou que os outros doentes deitados perto dos de Febre typhoide, ou aquelles que os substituem nos mesmos leitos que já lhes servirão, assim como os que os assistem em suas necessidades, que se deitão nos mesmos colchões, e se servem das mesmas coberturas, fossem accommettidos dessa molestia.

Taes são em resumo as observações de quasi todos os Medicos dos hospitaes de Paris e em particular de Andral e de Rochoux, que fallando sobre o contagio da dothineria diz, que durante 25 annos de observações feitas nos hospitaes de Paris, onde durante esse tempo se tratãrão para cima de cem mil dothinericos, um só caso de contagio não acceteêra.

Quanto aos factos, apresentados por Bretonneau, Gendron e Leuret de contagio da Febre typhoide, observado em menores povoações taes como Nancy, Flèche, &c., factos a que se deu muita importancia, terão muito pouco valor para a solução do contagio, se attendermos, como diz Faure, ás circumstancias sob que se desenvolverão, circumstancias que obrando continuamente fizerão com que a molestia tomasse um character epidemico, e então confundindo-se a infecção com o contagio, attribuiu-se a este o que

era sómente devido áquella; além disso, como observa Rochoux, quem nos diz que um erro de diagnostico, erro muito justificavel, visto as grandes analogias que os symptomas de ambas as enfermidades, tomados em globo, apresentam, analogias que necessariamente farião com que se confundisse o verdadeiro Typhus dos Campos (que outro não fôra em taes casos) com a Febre typhoide, attribuindo-se assim a esta o que era sómente devido áquella? Além disto o Typhus ainda se differencia em reinar constantemente sob a fôrma epidemica, bem que factos, porém rarissimos, existão de poder apresentar-se sporadico (sendo mesmo neste caso produzido pela absorpção de materias putridas). O contrario se encontra a respeito da Febre typhoide.

O Typhus, segundo Pringle, he sujeito á recabida, e segundo Hildenbrand não ataca ordinariamente senão uma vez o mesmo individuo; entretanto que para a Febre typhoide parece certo não haver reincidencia.

Anatomia Pathologica.

Analogias.—As diversas alterações do tubo intestinal, as congestões sanguineas do figado e baço, a molleza do coração e musculos, a fluidez do sangue, as lesões encephalicas, a prompta putrefacção dos cadaveres, n'uma palavra a maior parte das desordens cadavericas que se notão nas Febres typhoides, encontradas no Typhus por Ducastaing, Ardy, Laurent, Magnin, Pellerin, Landouzy e outros, parecem estabelecer grandes analogias entre estas duas enfermidades sob o ponto de vista de lesões de órgãos.

Differenças.—A ausencia de lesões que possuão racionalmente explicar a morte ou a producção dos symptomas, forma um dos signaes mais caracteristicos da historia do Typhus.

Na Febre typhoide o contrario tem lugar, pois lesões constantes se encontrão em relação com os diversos symptomas da enfermidade e por ellas satisfatoriamente se explica a morte.

No Typhus pôde-se facilmente reconhecer que as lesões encephalicas, thóracicas e abdominaes, que se pôdem apresentar mais ou menos frequentemente, pertencem sem excepção alguma a complicações, estranhas ao

caracter essencial da molestia, pela maior parte susceptíveis de serem percebidas durante a vida do doente.

Pelos factos que possui a sciencia parece que se devem considerar as alterações do encephalo como mais graves e constantes no Typhus do que na Febre typhoide.

Na Febre typhoide as alterações do liquido cephalo-espinal pódem ser referidas sómente á sua quantidade, em quanto que no Typhus estas alterações são relativas mais ás suas outras propriedades, encontrando-se muitas vezes este liquido *sanioso e purulento* (Chirac e Pringle).

As ulcerações da epiglote, do pharynge e esophago, que se encontrão na Febre typhoide, não tem sido encontradas no Typhus.

No Typhus o figado apresenta-se mais constante e gravemente alterado do que na Febre typhoide, onde as alterações do baço são mais constantes.

O tubo intestinal fornece caracteres differenciaes mui notaveis entre o Typhus e a Febre typhoide.

Os excellentes trabalhos de Piédagnel, de Røederer, de Wagler, e sobre tudo os de Petit e Serres, Louis, Andral, Bouillaud, Rochoux e Chomel, sobre a anatomia pathologica da Febre typhoide, põem fóra de toda a duvida a constante existencia de alterações particulares nas placas ellipticas de Peyer, nos folliculos isolados de Brunner, nos ganglios do mesenterio. O estado em que se encontrão estes órgãos nos diversos periodos da enfermidade, todos os gráus, todas as especies de alterações que elles pódem experimentar, descriptos, por assim dizer, hora por hora, por estes habéis observadores, demonstrão-nos exuberantemente que as lesões das placas de Peyer, &c., são o signal caracteristico e essencial da Febre typhoide.

No Typhus não se tem encontrado nenhuma destas alterações que acabamos de mencionar: para confirmação do que bastar-nos-ha referir os resultados das necropsias feitas expressamente por diversos observadores afim de esclarecer este ponto de doutrina, e neste numero incluiremos as observações do nosso distincto Mestre e sabio Professor de Clinica Medica o Ill.^{mo} Sr. Dr. M. do Valladão Pimentel.

Na epidemia do Typhus, observado nos Banhos ou prisões-de-forçados de Toulon, em 1830, Pellicot provou a ausencia da affecção propria da Febre typhoide, não encontrando senão lesões mui varias, passageiras e por

consequente sem ligação verdadeira com os phenomenos morbidos. Twedie, Fleury e Héraudron confirmarão esta notavel particularidade.

Nos Estados-Unidos-da-America, Gerhard cujos conhecimentos anatomicos são bem conhecidos, fez observações absolutamente identicas na epidemia de Philadelphia em 1836, não encontrando, em 50 necropsias feitas com o maior desvelo possível, senão uma vez os folliculos intestinaes levemente doentes.

Nos individuos mortos de Typhus, em Dantzick e Wilna, Gase nunca encontrou as alterações proprias da Febre typhoide.

Na epidemia de Gibraltar, segundo as observações de Louis, as lesões das placas de Peyer faltavão sempre.

Na epidemia de Typhus que se desenvolveu em Junho de 1836 no Hospital da Santa Casa da Misericordia desta Côrte, o Sr. Dr. Valladão não encontrou nas necropsias feitas nos individuos que succumbirão nas enfermarias a seu cargo as alterações proprias da Febre typhoide, achando sómente em dous casos os folliculos intestinaes apenas desenvolvidos (1).

Á vista pois de tão completas observações feitas por investigadores de tanto peso, não podemos deixar de concordar com Rochoux que só um erro de diagnostico ou a complicação do Typhus com a Febre typhoide farião com que se encontrasse nas necropsias de Typhus, feitas por Ducastaing, Ardy, Laurent, &c., as lesões caracteristicas da Febre typhoide.

Assim pois, sob o ponto de vista de lesões de órgãos, diremos com Rochoux e Louis que existe uma linha divisoria insuperavel entre estas duas affecções.

(1) Em Junho de 1836, segundo nos referio o Sr. Dr. Valladão, arribando a este porto por falta de viveres e aguada uma embarcação de colonos Hespanhões, procedente da ilha de Lancerote, grande numero destes colonos achando-se doentes de diarrhéas, affecções scorbuticas, embaraço gastrico, &c., forão recolhidos ao Hospital da Santa Casa da Misericordia, onde accumulados desenvolverão o verdadeiro Typhus, que se propagou por todas as enfermarias, não poupando os Medicos, Estudantes e Enfermeiros. Grande numero de doentes que com medo se retirarão do Hospital accarretarão com sigo o miasma typhico, produzindo a enfermidade nas casas para onde se recolherão. Nesta epidemia de Typhus o Sr. Dr. Valladão observou que a mortalidade era maior nos homens do que nas mulheres, sendo de $\frac{1}{3}$ para os primeiros e de $\frac{1}{5}$ para as segundas, assim como ter tirado muito bons resultados das emborações frias.

Tratamento.

Analogias.— A medicação antiphlogistica, evacuable, tónica, anti-spasmodica e calmante, os revulsivos cutaneos, os chloruretos, os mercuriaes e o tratamento dietetico, empregados em ambas as affecções, estabelecem analogias, quanto ao tratamento, entre o Typhus e a Febre typhoide.

Differenças.— A oportunidade dos vomitivos desde o principio da enfermidade, parece mais evidente no Typhus, segundo Hildenbrand e outros, do que na Febre typhoide, onde ordinariamente limita-se a sua indicação aos casos de embaraço gastrico.

A immersão, as loções e as affusões frias tem sido postas em uso desde o principio do Typhus (periodo inflammatorio); entretanto que he em um periodo mais avançado (3º periodo) da Febre typhoide, que os mesmos meios são applicados.

Empregarão-se mais particularmente no Typhus os revulsivos, e os visicatorios sobre a nuca e a cabeça, como meio preservativo; prática esta que não vemos seguida por perito algum no tratamento da Febre typhoide.

Na Febre typhoide a diéta absoluta he de rigor no 1.º e algumas vezes no 2.º periodo; emquanto que deve-se nutrir o doente de Typhus (Hildenbrand) nestes periodos com canjas de cevada e de arroz, caldos substanciaes, sopas e vinho velho.

O tratamento preservativo da Febre typhoide consiste unicamente nos meios proprios para prevenir o desenvolvimento desta molestia; entretanto que no Typhus o tratamento prophylatico, baseado no conhecimento das causas, junto ao meio de as evitar, prova por sua efficacia a certeza de se poder com elle prevenir, não só o desenvolvimento primitivo da enfermidade, como a sua transmissão ou propagação. Não se póde portanto deixar de conceder o principal papel ao contagio na producção do Typhus, em consequencia do accumulamento, quando se vê esta molestia promptamente desaparecer e não voltar com a dispersão dos doentes, bem como nunca se apresentar na ausencia das causas de que a fazemos depender: na Febre typhoide nada existe que possa motivar o emprego de

uma prophylaxia, semelhante á reclamada pelo Typhus, pois que para nós he evidentemente provada a sua não contagiosidade.

No Typhus as preparações mercuriaes, e os chloruretos como meios especificos, são mais vezes empregados e com muito mais proveito do que na Febre typhoide, na qual Chomel diz não ter obtido resultado algum das experiencias feitas com preparações desinfectantes de chloro.

As emissões sanguineas geraes e locaes, são raramente empregadas com bom resultado no Typhus, onde a sua influencia he muitas vezes mais prejudicial do que favoravel; na Febre typhoide, as sangrias geraes, associadas com as locaes, são tão empregadas, que, segundo Bouillaud, ellas não só fazem diminuir a gravidade da enfermidade, como tambem a sua duração.

RESUMO E CONCLUSÕES.

Do que levamos dito no paralelo do Typhus e da Febre typhoide, julgamos que entre estas duas enfermidades, sob o ponto de vista de symptomas, causas, marcha, duração, prognostico e tratamento, existe uma differença radical das maiores, e que assim poderemos estabelecer as proposições seguintes:

- 1.^a O Typhus he uma enfermidade miasmatica e contagiosa.
- 2.^a A Febre Typhoide he uma enfermidade não contagiosa e que reconhece por causa, unica conhecida, condições individuaes e atmosphericas (acclimação.)
- 3.^a O Typhus não reconhece condições de idade, entretanto que na Febre typhoide a idade he uma condição tão essencial, que a aptidão para contrahir-se esta enfermidade diminue e desaparece com o progresso dos annos.
- 4.^a O gargarejo na fossa iliaca, a diarrhéa desde o começo, a erupção typhoide (do 7.^o ao 14.^o dia), consistindo em manchas roseas elevadas, de uma linha a linha e meia de diametro, duras, cuja côr desaparece sob a pressão do dedo, são symptomas proprios da Febre typhoide e que se não encontrão no Typhus.
- 5.^a O cheiro terroso, de palha podre ou de variola confluyente, a erupção petechial (*exanthema morbilliforme*), sempre seguida de descamação, sob a fórma de pontos disseminados como os que se encontrão entre as placas

agglomeradas dos sarampos, e cuja côr não desaparece pela pressão; a constricção penosa do epigastro, dôr surda e profunda no hypochondrio direito, typhomania, affecção profunda e permanente das faculdades intellectuaes e dos órgãos da motilidade são symptomas característicos do Typhus.

6.^a A rapidez da marcha do Typhus, e sua pequena duração constituem signaes differenciaes da Febre typhoide, cuja marcha he de ordinario lenta, e a duração longa.

7.^a O prognostico bem que em geral grave na Febre typhoide, he gravissimo no Typhus, onde a mortalidade he de mais da metade, como observou Desgenettes no Typhus de Torgau.

8.^a A erysipela da face e a peritonitis em consequencia da perforação intestinal são complicações da Febre typhoide, que não se encontram no Typhus.

9.^a A catalepsia e a hydrophobia são accidentes que se observáão no Typhus, e que nunca o forão na Febre typhoide.

10.^a A terminação fatal do Typhus he ordinariamente pelo systema nervoso: lenta e progressivamente (por abatimento, fraqueza, marasmo), ou subita (como por asphyxia), no periodo de intoxicacão (Typhus siderante.)

11.^a A terminação fatal da Febre typhoide he geralmente pelas alteraçoes intestinaes.

12.^a A Febre typhoide he, de ordinario, sporadica, entretanto que o Typhus reina sempre epidemicamente.

13.^a Quando a Febre typhoide se torna epidemica, toma os caracteres do Typhus, podendo então ser contagiosa; e dahi as observações de contagio na Febre typhoide de Bretonneau, Ardy, Fleury e outros.

14.^a Não existem alteraçoes anatomicas constantes, invariaveis e em relação com os symptomas, pelas quaes se possa caracterisar o Typhus.

15.^a Hypertrophia, amollecimento e ulceracão das placas ellipticas de Peyer e dos folliculos de Brunner, engorgitamento dos ganglios do mesenterio e perforacão intestinal, são lesões anatomicas constantes que se encontram na Febre typhoide, que servem para a caracterisar e que não se encontram no Typhus.

16.^a O exanthema intestinal pôde complicar o Typhus e dar lugar a alteraçoes anatomo-pathologicas, semelhantes ás da Febre typhoide, que forão indicados por alguns autores.

17.^a As alterações do sangue e do systema nervoso são mais graves e constantes no Typhus, do que na Febre typhoide.

18.^a O tratamento unico que póde não só prevenir o desenvolvimento, como a transmissão do Typhus, he o prophylatico.

19.^a Os anti-phlogisticos não convém se não accidentalmente no Typhus e não pódem fazer a base do tratamento como em alguns casos da Febre typhoide.

20.^a Os vomitivos desde o começo, os evacuantes, os tonicos, as affusões frias e os anti-spasmodicos, são os meios mais ordinarios e que constituem a base do tratamento no Typhus.

21.^a O tratamento dietetico he muito mais rigoroso na Febre typhoide do que no Typhus, onde se reconhece a necessidade de alguma alimentação desde o começo.

Eis, em resumo, o que colligimos nos diversos autores que consultámos sobre o Typhus e a Febre typhoide.

Conhecemos que este nosso modo de pensar achará muita opposição, pois que na verdade, á primeira vista, a somma das analogias parece exceder á das differenças entre uma e outra enfermidade. Entretanto, se pesarmos bem os factos que se tem apontado sobre o contagio da Febre typhoide e sobre as alterações intestinaes identicas ás desta enfermidade encontradas no Typhus, veremos na maior parte delles, como diz Rochoux, um erro de diagnostico, tomando-se por Typhus o que era Febre typhoide e vice-versa: além disso, se observarmos que o exanthema intestinal póde complicar o Typhus, que a Febre typhoide, em estado epidemico, passa a ser Typhus, convencer-nos-hemos do pouco valor que terão taes observações, sobretudo se as confrontarmos com outras feitas, muito de proposito para verificar este ponto de doutrina, por praticos taes como Rochoux, Louis, Andral, Pellicot, Fleury, Gerhard, Gasc e outros.

Podendo ajuizar da magnitude do objecto pelas numerosas Memorias e Escriptos que existem, e medindo as nossas debeis e acanhadas forças, não nos atreveriamos a arrostar tão delicado ponto de pathologia medica, para cujo desenvolvimento fôra necessario possuirmos, além de extensos e

variados conhecimentos, a experiencia e observação dos factos, se a isso nos não obrigasse o dever indeclinavel, imposto pela Sabia e Illustre Corporação Academica, para podermos obter o honroso titulo de Doutor em Medicina.

Ao terminarmos não podemos deixar de agradecer ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. conselheiro Dr. J. M. da Cruz Jobim a bondade com que se prestou em aceitar a presidencia da nossa these, assim como as maneiras urbanas e cavalheirosas com que sempre nos tratou.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experimentum fallax, iudicium difficile. Oportet autem non modò seipsum exhibere quæ oportet facientem, sed etiam ægrum, et præsentem, et externa.—Sect. I, aph. I.

II.

Ubi somnus delirium sedat, bonum.—Sect. II, aph. II.

III.

Ubi in febre non intermittente difficultas spirandi et delirium fit, lethale.—Sect. IV, aph. I.

IV.

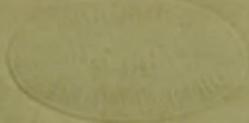
Quibus in febre ad dentes viscosa circumnascuntur, his febres fiunt vehementiores.—Sect. IV, aph. LIII.

V.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum.—Sect. VII, aph. I.

VI.

Quæ medicamenta non sanant, ea ferrum sanat. Quæ ferrum non sanat, ea ignis sanat. Quæ vero ignis non sanat, ea insanabilia existimare oportet.—Sect. VIII, aph. VI.



Esta these está conforme os estatutos.

DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

ERRATAS.

PAG.	LINHAS		LEIA-SE
1	8	seul sont,	seul sent,
2	28	he facil	he facil de
3	23	(<i>Encyc. ed ant.</i>)	(<i>Encycl. ed. ant.</i>).
4	29	medeci,	medici,
4	3	é,	he,
5	10	despreso	desprezo
5	11	de outros, meios	de outros meios
5	13	despreso	desprezo
5	16	appellidando-os	appellidando-os
5	17	de <i>hâbleurs</i> ,	de <i>hâbleurs</i> ,
5	17	de <i>joueurs</i> de	de <i>joueurs</i> de
5	20	despreso,	desprezo,
5	32	Charlatão monta-lo	Charlatão, de monta-lo
6	23	nação depois	nação, depois
7	12	Boticario ou	Boticario, ou
7	29	Não erão	Não serão
8	1	riencia	riencias
11	23	desaber,	de saber,
27	5	ouvidos, e	ouvidos e
27	33	d'ourina	de urina
29	9	Analogias.	<i>Analogias.</i>
30	17	sobre Typhus	sobre o Typhus
31	1	no typhus	no Typhus
34	7	à semanações	às emanações
35	4	columnas, de	columnas de
35	18	poderão	podêrão
42	36	forão indicados	forão indicadas